

RESUMO/ABSTRACT

IDENTIDADE, PRECONCEITO E ESTIGMA:

UMA ANÁLISE DE “O PROFETA” DE SAMUEL RAWET

O foco da análise de *O Profeta*, de Samuel Rawet, é a forma como são construídos o foco narrativo, as personagens e o conflito que se configura entre elas, procurando fazer emergir os mecanismos de construção do preconceito e estigmatização. Esse conto trata de uma situação de convivência entre um personagem deslocado e o *outro*, destacando o conflito que se estabelece entre eles e as dificuldades a ele impostas pelo preconceito e discriminação. Foram utilizados, como aporte teórico, conceitos de Pierre Bourdieu e Erving Goffman referentes às relações de poder que se estabelecem entre dominadores e dominados, às representações sociais e à estigmatização.

Palavras-chave: identidade, preconceito, estigma, conto, literatura contemporânea.

IDENTITY, PREJUDICE AND STIGMA:

AN ANALYSIS OF “O PROFETA” BY SAMUEL RAWET

The focus of this analysis of *O Profeta*, by Samuel Rawet, is the way author builds the narrative point of view, the characters and the conflicts among them, in order to elicit the mechanisms of construction of prejudice and stigmatization. This short-story deals with a situation of coexistence between a dislocated character and the others, highlighting the conflict between them and the difficulties imposed by prejudice and discrimination. As a theoretical guidance, the analysis used concepts of Pierre Bourdieu and Erving Goffman, regarding the relationships of power that settle down among rulers and dominated and concerning social representations and stigmatization.

Keywords: identity, prejudice, stigma, short story, contemporary literature.

**IDENTIDADE, PRECONCEITO E ESTIGMA:
UMA ANÁLISE DE “O PROFETA” DE SAMUEL RAWET**

Stella Montalvão

Professora Doutoranda em Literatura na UnB
stellamont@hotmail.com

A personalidade humana é uma coisa sagrada; ninguém pode violá-la ou infringir seus limites, embora, ao mesmo tempo, o maior bem consista na comunicação com os outros.

Durkheim

Vivemos hoje em mundo fragmentado, em que conflitos dos mais diversos matizes têm trazido muito sofrimento e gerado um número incomensurável de refugiados, migrantes, deslocados e exilados por todo o nosso planeta. Em um contexto marcado por deslocamentos, sejam eles voluntários ou não, questões como identidade, preconceito e estigma tomam grandes proporções. Afinal, a convivência entre tantas culturas, tantas diferenças, até aqui têm se mostrado profundamente tensa. A reafirmação de identidades étnicas e nacionais e o crescente fundamentalismo têm demonstrado quão intolerante o ser humano pode ser.

No que se refere a esse contexto, Said afirma:

Pois certamente uma das características mais lamentáveis da época é ter gerado mais refugiados, imigrantes, deslocados e exilados do que qualquer outro período da história, em grande parte como acompanhamento e, ironicamente, consequência dos grandes conflitos pós-coloniais e imperiais. Assim como a luta pela independência gerou novos Estados e novas fronteiras, da mesma forma ela gerou andarilhos sem lar, nômades, errantes, que não entravam nas estruturas nascentes do poder institucional, rejeitados pela ordem estabelecida por sua intransigência e obstinada rebeldia. (SAID, 1995, p. 407)

Inseridos em um campo de relações de poder, homens e mulheres revelam-se na leitura que fazem do mundo, a partir das representações que constroem de si e do outro. Dessa forma, no intuito

de construir sua identidade, entendida como “esse ser percebido que existe fundamentalmente pelo reconhecimento dos outros” (BOURDIEU, 2001, p. 117), buscam estabelecer arbitrariamente diferenças e semelhanças, fundamentadas nos mais diversos “argumentos”, que os coloquem em posição valorizada na sociedade em que vivem.

E nessa perspectiva, o processo de construção da identidade consiste em uma luta pela possibilidade de classificar e classificar-se:

os indivíduos e os grupos investem nas lutas de classificação todo o seu ser social, tudo o que define a idéia que eles têm deles próprios, todo o impensado pelo qual eles se constituem como ‘nós’ por oposição a ‘eles’, aos ‘outros’ e ao qual estão ligados por uma adesão quase corporal. É isto que explica a força mobilizadora excepcional de tudo o que toca à identidade (BOURDIEU, 2001, p. 124).

Partindo desses pressupostos, no processo de construção da identidade, seja ela regional, étnica, de gênero, de orientação sexual ou outra qualquer, considera-se que toda busca de critérios objetivos para classificação supõe prática social em que estão envolvidas representações mentais e objetais que passam pela percepção, apreciação, conhecimento e reconhecimento como estratégias de manipulação no campo simbólico. E é a partir dessas estratégias que se determina a representação que os outros devem ter dessas propriedades e de seus portadores, ou melhor, qual o valor que devem ter essas propriedades no mercado dos bens simbólicos.

Esse processo de diferenciação, baseado no valor atribuído aos bens simbólicos, e, portanto, definido a partir do capital simbólico desejável, na maioria das vezes consubstancia-se em estigmatização e visa legitimar a dominação de um grupo pelo outro.

É nesse contexto que se inscreve o conto *O Profeta*, de Samuel Rawet. O conto em questão retrata os conflitos internos de um velho judeu, sobrevivente de um campo de concentração, que imigra para o Brasil com o objetivo de viver junto ao seu irmão e familiares. Apesar de, aparentemente, ser bem recebido, sente-se deslocado diante dos outros, já integrados à realidade brasileira. Destacam-se, no texto, seus problemas de adaptação dentro da própria colônia judaica, que revelam um mundo amargo e fascinante, sua poesia heróica, sua tragédia anônima e seu desespero surdo diante da impossibilidade de comunicação gerada pelo conflito entre sua identidade e o preconceito.

Neste conto, há uma quebra bastante significativa da sequência cronológica da narrativa. O texto começa com a angústia e o crescente desespero que se apodera do protagonista, momentos antes da partida do navio que o levará de volta a sua terra natal. Uma situação constrangedora, em que não consegue se comunicar com uma das passageiras do navio, transporta-o ao passado, fazendo-o

retomar dolorosas lembranças, pontuadas por suas reflexões, e que desvendam sua trajetória, desde a sua chegada ao Brasil, bem como os motivos de sua decisão de retornar a sua terra. Suas recordações são interrompidas somente no último parágrafo do conto, em que se retorna ao momento da partida do navio e o leitor é, então, testemunha do “desmoronar” do protagonista, que vivencia um sofrimento sem esperanças, revelado nas expressões “fim” e “irremediável”, bem como na frase “Há sempre gaivotas. Mas não conseguiu vê-las”. (OP, p. 17)¹.

A proposta desse trabalho é, portanto, analisar o processo de estigmatização por que passa o protagonista do conto *O Profeta*, em processo de interação com as outras personagens, destacando as relações de poder que se estabelecem entre eles, de forma a suprimir a possibilidade de ele se auto-representar, enquanto os demais determinam a representação que se deve ter dele.

No processo de análise dessa interação, alguns conceitos de Pierre Bourdieu merecem destaque. Estes conceitos buscam desvelar a forma pela qual o dominador constrói a representação de si mesmo e, por contraposição, constrói também a representação do dominado, outorgando-se, por esse processo, a autoridade necessária – *poder simbólico*: “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1998, p. 7-8) – para o exercício pleno da *violência simbólica*: “violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros frequentemente são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la” (BOURDIEU, 1998, p. 7-8). Essa autoridade simbólica permitirá ao dominador não só falar pelo dominado, mas traçar definições dele próprio e do outro – *marcas de distinção* – que acabam por se tornarem “naturais”, tornando a violência simbólica dificilmente perceptível.

Buscando ainda aprofundar a compreensão desses comportamentos, também surgem nessa análise conceitos desenvolvidos por Erving Goffman. Dessa forma, entende-se *estigma* como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (GOFFMAN, 1988, p. 7). E considera-se que a estigmatização, como um processo que ocorre na interação entre indivíduos ou grupos, ocorre toda vez que:

um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Ele possui um estigma, uma característica diferente da que havíamos previsto (GOFFMAN, 1988, p. 14).

¹ Todas as referências ao conto no decorrer do texto estão identificadas pela abreviatura OP, seguida do número da página em que consta o trecho.

Em oposição aos estigmatizados, surge, então a figura dos *normais*, ou seja, aqueles que não possuem o estigma – nós mesmos, em diversas situações cotidianas, conforme destaca Goffman. A postura assumida pelos *normais* em relação aos estigmatizados pode variar, no entanto o contato misto é e sempre será difícil. Focando o problema pelo viés do comportamento dos *normais*, tem-se que:

por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construimos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social” (...). Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original. Tendemos a inferir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original (...). Além disso podemos perceber a sua resposta defensiva a tal situação como uma expressão direta de seu defeito e, então, considerar os dois, defeito e resposta, apenas como retribuição de algo que ele, seus pais ou sua tribo fizeram, e, conseqüentemente, uma justificativa da maneira como o tratamos (GOFFMAN, 1988, p. 15).

Destacam-se ainda, nessa análise, dois conceitos importantes desenvolvidos por Goffman: o conceito de *estigmatizado-desacreditado* e de *estigmatizado-desacreditável*. Afirma ele que o *desacreditado* é aquele cuja “característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente” (1988, p. 14), enquanto que o *desacreditável* é aquele cuja característica distintiva “não é nem conhecida pelos presentes e nem imediatamente perceptível por eles” (1988, p. 14).

Assim, a análise da convivência entre essas personagens estigmatizadas e os *normais* fundamenta-se na possibilidade de acobertamento dos *desacreditados* e de encobrimento dos *desacreditáveis*. O acobertamento pode ser conceituado como “grandes esforços para que ele [estigma] não apareça muito. O objetivo do indivíduo é reduzir a tensão, ou seja, tornar mais fácil para si mesmo e para os outros uma redução dissimulada ao estigma, e manter um envolvimento espontâneo no conteúdo público da interação” (1988, p. 113). Já o encobrimento deve ser entendido como o processo de “manipulação da informação oculta que desacredita o eu” (1988, p. 52). É evidente que ambas são formas de o estigmatizado buscar se proteger da discriminação.

O eu desacreditado

Todo o texto é narrado basicamente em frases mais ou menos curtas, com uma quantidade signifi-

cativa de frases nominais. É perceptível o uso intenso de alguns recursos narrativos que perpassam todo o conto. Há a presença do discurso indireto livre frequentemente representando interrogações e exclamações do protagonista. Ressalta-se assim, de “viva voz”, sua perplexidade diante da situação que vive. Há também a fala de um narrador onisciente em discurso indireto, que se propõe a revelar os fatos a partir do ponto de vista do protagonista, incluindo os pensamentos e reações deste. E há a presença de diversas intervenções do narrador, em cortes pontuados com parênteses, que parecem marcar a diferença entre os adendos do narrador e o ponto de vista do protagonista, acentuando a sensação de que o narrador procura ausentar-se em favor do protagonista.

Nesse sentido, é perceptível a intenção do narrador de enfocar a situação de estigmatizado, vivenciada pelo protagonista, a partir dos processos internos por que este passa. E é por meio dos pensamentos dolorosos deste que se toma conhecimento das dificuldades na convivência com o preconceito e da consequente impossibilidade de estabelecer comunicação com os *normais*, evidenciando o processo de estigmatização.

Segundo Goffman, uma das formas de se considerar o estigmatizado é a partir de sua condição de *desacreditado*. Essa condição se revela no fato de que as expectativas normativas e exigências rigorosas que os *normais* têm em relação a toda pessoa que conhecem são imediatamente frustradas no primeiro contato, *desacreditando* a pessoa em sua totalidade. Isto quer dizer que o problema que se impõe a essa pessoa é a “manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais” (1988, p. 51). É pertinente, portanto, atribuir ao protagonista desse conto a condição de *desacreditado*, já que ele, visivelmente, faz parte de algumas das categorias sociais profundamente estigmatizadas na sociedade brasileira: é idoso, judeu e estrangeiro.

O fato de ser idoso é facilmente perceptível: seu andar, suas roupas, seus cabelos brancos, seu corpo e suas vivências o identificam como “o velho”. A essas características somam-se marcas de distinção que normalmente acompanham a velhice: o recorrer frequente às lembranças é visto como indicativo de uma personalidade fraca, melancólica; as dificuldades de se comunicar definem sua loucura, sua “caduquice”. O narrador ressalta essas marcas quando enfatiza a dualidade do homem que é velho e que, de tão velho, vira criança em seu desamparo e impotência: “Pensou, no momento de hesitação, ter agido como criança” (OP, p. 10) e, ainda: “O rosto da mulher desfigurou-se com a negativa e os olhos de súplica do velho. Com exceções, o recurso mesmo seria a mímica e isso lhe acentuaria a infantilidade que o dominava” (OP, p. 10).

Essas marcas de distinção, frequentemente atribuídas ao idoso, mascaram a dificuldade que tem o jovem de lidar com sua própria perspectiva de envelhecimento, em uma sociedade centrada na produção alienada e no consumo. Assim,

é preciso esconder, disfarçar, tutelar, marginalizar a velhice, pois a presença do velho (qualquer velho), origina no jovem (em toda a mocidade), um balanço e um questionamento de sua obra, sua vida, seu trabalho, seu posicionamento político. A significação da velhice não está no velho, mas em sua relação com o jovem. O que se teme é o velho-diante-dos-jovens: o *outro* (velho) (BARRETO, 1992, p. 94).

Já o fato de ser estrangeiro e, conseqüentemente, adotar hábitos diferentes e, em alguns momentos, mais rígidos do que os adotados pela sua família, mantêm-no à margem. Junte-se a isso o desconhecimento da língua, que dificulta ainda mais sua relação com os próprios familiares e com as demais pessoas com quem trava conhecimento. Segundo o narrador, até a empregada da casa o via como “figura excêntrica que no início lhe infundira um pouco de medo” (OP, p. 17).

O fato de ser judeu, que deveria ser o elemento básico de sua identificação com seu grupo familiar, acaba por se transformar em nova marca de distinção, já que sua família, radicada no país, busca nela mesma um acobertamento que facilite sua convivência com os *normais*, evitando essa identificação. Assim, quanto mais o protagonista se revela judeu em seus hábitos, mais causa estranhamento, o que acaba por lhe valer a alcunha de “profeta”.

A partir da postura do genro de seu irmão em relação ao protagonista: “Aí vem o ‘Profeta’! Mal abriu a porta, a frase e o riso debochado do genro surpreendera-no” (OP, p. 12), destaca-se o processo de manipulação da tensão em que este vive. Embora ele não compreenda as palavras ditas, reconhece o tom irônico e o escárnio que se evidenciam nelas, e que o fazem lembrar dos risos no templo onde também é tratado como alguém estranho.

Embora finja indiferença, a figura do genro lhe desperta ódio: a situação parasitária em que o genro vive faz a personagem principal estabelecer conexões entre ele e os alemães do seu tempo no campo de concentração. Seu riso é a extensão do deles. A aproximação entre o genro e os alemães reforça a idéia de que, realmente, a estigmatização é uma relação de poder em que o dominador “marca” o dominado por meio do estigma, já que genro e alemães, elementos tão aparentemente opostos, encontram suas próprias razões para tratá-lo como o *outro*, para desacreditá-lo.

A convivência social marcada pelo estigma

A condição de *desacreditado* do protagonista é revelada pelo narrador, logo no primeiro parágrafo: “Pouco lhe importavam os olhares zombeteiros de alguns. Em outra ocasião sentir-se-ia magoado. Compreendera que a barba branca e o capotão além do joelho compunham uma figura estranha para eles. Acostumara-se. Agora mesmo, ririam da magra figura toda negra, exceto o rosto, a barba e as mãos mais brancas ainda” (OP, p. 09). E, embora as pessoas não ousem tomar atitudes mais diretas

de discriminação, já que seu olhar de desafio impõe certo respeito, ele permanece profundamente consciente de sua condição de estigmatizado.

É interessante destacar a insistência do protagonista em usar o capote, um dos elementos que claramente gera estranheza e evidencia seu estigma. Goffman afirma que: “considerando o que pode enfrentar ao entrar numa situação social mista, o indivíduo estigmatizado pode responder antecipadamente através de uma capa defensiva” (1988, p. 26). Assim, mais do que marcar sua identidade judaica, o uso do capote pode ser interpretado, metaforicamente, como uma tentativa de o protagonista se esconder, de estar a salvo, de não ser visto por inteiro.

No decorrer da narrativa, fica evidente que o protagonista tenta dois tipos de alinhamento. Inicialmente, busca um alinhamento intragrupal na tentativa de receber aceitação junto aos seus semelhantes. A viagem que empreende em busca do irmão que está em um país distante revela a procura por seus iguais, judeus como ele, que, a seu ver, poderiam compreendê-lo sem palavras e que compartilhariam com ele a dor e o horror que sente por tudo que sofreu no campo de concentração: “Supunha encontrar aquém-mar o conforto dos que como ele haviam sofrido, mas que o acaso pusera, marginalmente, a salvo do pior e conscientes disso partilhariam com ele em humildade o encontro” (OP, p. 11). Assim suas primeiras lágrimas são de gratidão pela ternura que pensa ser o motivo de uma recepção tão calorosa.

Já nos primeiros contatos, no entanto, ele percebe que suas expectativas não correspondem à realidade: “Vislumbrou, porém, um ligeiro engano” (OP, p. 11). Afinal, os olhos que o fitam são “ávidos e inquiridores” (OP, p. 11) e em todas as casas que percorreu nas primeiras semanas, “revoltava-o o aspecto de coisa curiosa que assumia” (OP, p. 12). Essa sensação que assalta o protagonista é típica dos primeiros contatos de um *desacreditado* com os *normais*. Goffman destaca que nos contatos mistos, “é provável que o indivíduo estigmatizado sinta que está em exibição” (1988, p. 24) e que “sinta que estar presente entre os *normais* [o] expõe cruamente a invasões de privacidade” (1988, p. 25).

Assim, revela-se sua condição de estigmatizado, ou seja, daquele que carrega uma marca que o diferencia e o coloca em situação desfavorável diante dos demais, considerados como *normais*. Essa situação é ainda mais injusta quando se considera que o estigma que carrega é decorrente de condições sobre as quais ele não tem nenhum domínio, já que são os estabelecidos que determinam quem deve ser marginalizado e por que razões. É evidente que a comunidade judaica com a qual o personagem tem contato constitui-se em um grupo estabelecido com suas próprias regras.

Lentamente, o protagonista descobre que a vida de seu irmão e a de sua família se dera em sentido oposto ao seu: “Soube ser recente a fortuna do irmão. Numa pausa contara-lhe os anos de luta e subúrbio, e triunfante, em gestos largos, concluía pela segurança atual. Mais que as outras sensações,

essa ecoou fundo. Concluiu que seria impossível a afinidade, pois as experiências eram opostas. A sua, amarga. A outra, vitoriosa” (OP, p. 16). Dessa forma, diante da sua família e de todos aqueles que haviam participado desse momento tão diferente do seu, ele não poderia ocupar senão o espaço do *outro*, daquele que vive à margem. Fica claro, portanto, que não há a possibilidade de alinhamento intragrupal, pois aqueles que poderiam ser seus iguais estabeleceram sua própria condição de normalidade diante dele, excluindo-o.

Já consciente de sua condição de *outro*, procura, então, ser aceito, estabelecer um alinhamento exogrupal em relação a sua própria família e aos de sua condição de judeu. Para isso, passa a narrar a história que antes negara a eles. Se isso consiste em grande sacrifício para ele, já não desperta mais do que a emoção fácil nos *normais*: “Por condescendência (não compreendiam o que de sacrifício isso representava para ele) ouviram-no das primeiras vezes e não faltaram lágrimas nos olhos das mulheres” (OP, p. 14). Emoção essa que, com o passar do tempo, logo se transforma em aborrecimento e enfado diante do seu relato. É óbvio que não há interesse por parte dos ouvintes, já que o próprio relato revela-se como marca do estigma imputado a ele, primeiramente pelos “*normais-alemães*”, e depois por aqueles que não viveram seu drama, os “*normais-judeus-da-nova-terra*”.

Fica evidente no comportamento da personagem principal que as atitudes dos outros em relação a ele o levam a reações desencontradas. Goffman ressalta que “a pessoa estigmatizada algumas vezes vacila entre o retraimento e a agressividade, correndo de uma para outra” (1988, p. 27). Assim, se em alguns momentos ele busca a solidão e aparenta indiferença diante do preconceito que sofre, em outras, ele se insurge contra a própria situação que justifica sua marginalização: a prosperidade do grupo em que se encontra. Prosperidade que a ele se revela por meio de “piadas concupiscentes, as cifras sempre jogadas a propósito de tudo e, às vezes, sem nenhum” (OP, p. 13), pelas “unhas tratadas e os anéis, e o corpo roliço e o riso estúpido e a inutilidade” (OP, p. 13) e pelas “risadas canalhas (para ele) entre um cartear e outro” (OP, p. 14).

Embora ele tente se insurgir contra essa situação e contra o preconceito a ele impingido, suas reações só aprofundam o abismo estabelecido entre ele e os *normais*: “Recordava-se que um dia (no início, logo), esboçara em meio a alguma conversa um tênue protesto, dera um sinal fraco de revolta e talvez seu indicador cortasse o ar em acenos carregados de intenções. O mesmo na sinagoga quando a displicência da maioria tumultuara uma prece. Esses gordos senhores da vida e da fartura nada têm a fazer aqui murmurara algum dia para si mesmo. Talvez daí o profeta (Descobriria, depois, o significado)” (OP, p. 14).

Por fim, ele acaba por optar pelo silêncio e passa a ser assombrado novamente pelas imagens do drama vivido no campo de concentração. A solidão em que é obrigado a viver acaba por trazer lembranças dolorosas e revela o dilema em que vive o personagem: tentar conviver com a tensão in-

suportável que se estabelece entre ele, estigmatizado, e os *normais*, ou enfrentar o medo da solidão, agravado pelas experiências amargas sofridas nos campos de concentração.

A opção que surge diante dele é uma nova tentativa de alinhamento intragrupal, agora com aqueles que compartilharam essas mesmas experiências, a partir do retorno a sua cidade natal: “Ia apenas em busca da companhia de semelhantes, semelhantes sim” (OP, p. 17). No entanto, a decisão tomada num impulso agiganta-se no momento da partida. Surgem as dúvidas: “Relutou com os punhos trançados nas têmporas à fuga de seu interior da serenidade que até ali o trouxera. Ao apito surdo teve consciência plena da solidão em que mergulhava. O retorno, única saída que encontrara, afigurava-se-lhe vazio e inconsequente” (OP, p. 9-10).

A solidão, elemento de alguma forma presente na biografia de todo estigmatizado, toma dimensões assustadoras: “O medo da solidão aterrava-o mais pela experiência adquirida no contato diário com a morte” (OP, p. 10). A certeza do irremediável esgota suas forças e o futuro apresenta-se sem esperança: “Novamente os punhos cerrando e trançando as têmporas apoiadas nos braços, e a figura negra, em forma de gancho, trepidando em lágrimas” (OP, p. 17).

Resta a pergunta: por que ele não buscou esconder ou disfarçar seu estigma com o objetivo de integrar-se em um alinhamento exogrupal? Poderia a personagem acobertar-se? Fica claro para o protagonista que se acobertar significaria mudar seu comportamento, sua forma de ver o mundo, mascarar as marcas de distinção já estabelecidas e abrir mão da sua própria identidade, que tão duramente lutara para manter em sua experiência nos campos de concentração.

Dessa forma, para o protagonista, e para os *desacreditados* em geral, o acobertamento sempre significa abrir mão de traços de sua própria biografia, de sua história pessoal. Se, por um lado, o acobertamento pode facilitar a aceitação do estigmatizado, por outro, é claro que esse processo mantém o *desacreditado* em posição desvantajosa em relação aos *normais*, já que deles depende a aceitação tão almejada. E é essa possibilidade que o protagonista não consegue aceitar, mesmo sabendo que o preço a pagar pode ser o da solidão que tanto teme.

O isolamento na impossibilidade de comunicação

A importância de que se reveste a necessidade humana de comunicação é evidente desde o início do conto. É significativo que o vivenciar de uma experiência de comunicação frustrada – o incidente no convés do navio, em que ele tem consciência de que não poderá se fazer entender pela senhora que está a seu lado – seja exatamente o “estopim” do despertar das lembranças do protagonista, momento em que o narrador passa a revelar outras experiências vividas profundamente por ele e que acabam por originar a decisão de fazer aquela viagem.

Inicialmente, portanto, é fundamental colocar em evidência alguns pontos importantes no que se refere ao ato de se comunicar. Afinal, fica claro durante toda a narrativa que a interação do protagonista com os *normais* é traduzida nas dificuldades que ele enfrenta na tentativa de comunicar-se com o *outro*. E a situação de privação dessa possibilidade constitui-se em uma experiência de tal forma angustiante para o protagonista que o mobiliza no sentido de buscar os alinhamentos já mencionados.

Destaca AmatuZZi, em sua obra que trata do resgate do que ele conceitua “fala autêntica”, a importância fundamental da fala na construção de uma identidade e no estabelecimento de relações entre indivíduos:

O ato de falar veicula basicamente uma intenção comportamental, se podemos assim nos expressar. E é a serviço dessa intenção que existem os conceitos. Antes de ser um ato intelectual, de expressão pura, de abstração ou de computação, o *ato de falar é comunicação* (...). Ao falar sempre falo *algo*. Mas também falo *a alguém*, com uma intenção e o defino nesse ato em relação a mim. E, ainda ao falar eu *me falo*. (...) Então não é acidentalmente que a fala estabelece relações de poder entre os interlocutores (...) Falando, digo alguém, me digo, mas também e basicamente *recio um mundo*, e o faço de um determinado jeito (AMATUZZI, 1989, p. 19-23).

Bourdieu também aborda com destaque a relação entre fala e poder, quando afirma que: “não se pode esquecer que as trocas linguísticas – relações de comunicação por excelência – são também relações de poder simbólico onde se atualizam as relações de força entre os locutores ou seus respectivos grupos” (1998, p. 24). Sendo assim, é evidente que não dar voz ao estigmatizado, ou lhe dificultar a comunicação, são formas de dominação de que se utilizam os grupos estabelecidos, os *normais*, para manter sua posição privilegiada ou mais precisamente para justificá-la.

No conto, poder-se-ia considerar que a principal barreira para que a comunicação se realize é o fato de a personagem desconhecer a língua do novo país. Afinal, já no início da narrativa, o narrador nos revela que o protagonista tem dúvidas quanto à decisão que tomou de retornar a sua terra natal, mas a consciência da dificuldade que tem em se expressar na língua recém conhecida, impede-o de qualquer mudança de planos, além de torná-lo ainda mais deslocado: “Inútil. A barreira da língua, sabia-o, não lhe permitiria mais nada (...). Com exceções, o recurso mesmo seria a mímica e isso lhe acentuaria a infantilidade que o dominava. Só então percebeu que murmurara a frase, e envergonhado fechou os olhos” (OP, p. 10).

No entanto, nota-se logo que a dificuldade que tem em relatar seus sofrimentos não se deve somente à barreira da língua, mas à impossibilidade de traduzir em palavras todo o horror que sofrera, o que viria a banalizá-lo. Assim, recusa-se a relatar suas experiências àqueles que o interrogam de um modo

tão invasivo: “O que lhe ia por dentro seria impossível transmitir no contacto superficial que iniciava agora. Deduziu que seus silêncios eram constrangedores. Os silêncios que se sucediam ao questionário sobre si mesmo, sobre o que de mais terrível experimentara. Esquecer o acontecido, nunca. Mas como amesquinhá-lo, tirar-lhe a essência do horror ante uma mesa bem posta, ou um chá tomado entre finas almofadas e macias poltronas? Os olhos ávidos e inquiridores que o rodeavam não teriam ouvido e visto o bastante para também se horrorizarem e com ele participar dos silêncios?” (OP, p. 11).

Aos poucos, suas possibilidades de comunicação se restringem: “Falar mesmo só com este [o irmão] ou a mulher. Os outros quase não o entendiam, nem os sobrinhos, muito menos o genro, por quem principiava a nutrir antipatia” (OP, p. 12). Porém, ao mesmo tempo em que o narrador dá ênfase ao fato de que o protagonista não domina a língua, fazendo com que ele tenha dificuldades no contato com os demais, ressalta que a única pessoa com a qual ele consegue estabelecer um contato amigável e intenso representa seu “oposto” – o bebê da família.

Interessante que os dois, o velho e o bebê, representem, de certa forma, pontos extremos da vida, pólos na adaptação a uma nova realidade que os exclui e que, talvez por isso mesmo, compartilhem a mesma impossibilidade de comunicação verbal, já que ambos “não sabem falar”. E que, paradoxalmente, a comunicação que se estabelece entre eles seja a única que lhe proporcione a sensação de companheirismo: “Ali gostava de sentar-se (voltando da sinagoga após a prece noturna) com o sobrinho-neto no colo a balbuciar ambas coisas não sabidas. Os dedos da criança embaraçavam-se na barba e às vezes tenteavam com força uma ou outra mecha. Esfregava então seu nariz duro ao arredondado e cartilaginoso e riam ambos um riso solto e sem intenções” (OP, p. 11-12).

A proximidade entre o protagonista e o bebê, no que se refere à impossibilidade de comunicação com os *outros*, é marcada pelo narrador, quando apresenta situações muito semelhantes em que velho e bebê tentam evidenciar sua indignação e exclusão. O bebê, no momento em que não pode compreender os risos e constrangimentos que tomam conta da família quando o genro se refere ao velho como “profeta”: “Só Paulo (assim batizaram o neto, que em realidade se chamava Pinkos) agitou as mãos num blá-blá como a reclamar a brincadeira perdida” (OP, p. 12). O velho, em um das conversas ouvidas na casa do irmão: “Recordava-se que um dia (no início, logo), esboçara em meio a alguma conversa um tênue protesto, dera um sinal fraco de revolta, e talvez seu indicador cortasse o ar em acenos carregados de intenções” (OP, p. 14).

O próprio ato de nomear entra em questão. Assim, os dois passam por um novo “batismo”: o bebê, que se chama Pinkos, nome que pode evidenciar sua origem judaica, é rapidamente “batizado” com o nome de Paulo, numa forma de “desestigmatizá-lo”, enquanto o avô é “batizado” de Profeta, nome que fatalmente o ridiculariza e reforça seu estigma.

É a partir do momento em que se materializa o preconceito em sua forma verbal: “Lá vem o profeta!”, que o protagonista se vê cada vez mais marginalizado: “O engano esboçado no primeiro dia acentuava-se. A sensação de que o mundo deles era bem outro, de que não participaram em nada do que fora (para ele) a noite horrível ia se transformando lentamente em objeto consciente” (OP, p. 13). Passa, então, a se utilizar dos monólogos: “Os outros julgariam caduquice. Ele bem sabia que não. O monólogo fora-lhe útil quando pensava endoidar. Hoje era hábito. Quando só, descarregava a tensão com uma que outra frase sem nexos para ele” (OP, p. 14). Assim, busca atenuar a solidão que vai se impondo paulatinamente.

O que poderia constituir uma ponte entre ele e os *outros* – a dor e o sofrimento infligido a sua raça que é também a deles – acaba por afastá-lo ainda mais, posto que, para os *outros*, tudo que ocorreu é apenas relato, narrativa de uma história acontecida em algum lugar distante, em um tempo já esquecido. Assim, a personagem se constitui ela mesma em narrador de sua história, mas, em um mundo em que somente se valoriza o superficial e o prazer momentâneo, a sua história não interessa a ninguém.

Finalmente, o protagonista desiste de manter alguma comunicação com os *outros*: “Calou. E mais que isso, emudeceu. Poucas vezes lhe ouviam a palavra, e não repararam que se ia colocando numa situação marginal. Só Pinkos (ele assim o chamava) continuava a trançar sua barba, esfregar o nariz, e contar histórias intermináveis com seus olhos redondos. Inutilidade” (OP, p. 15). Assim, de uma situação temporária e reversível, o “estar calado”, que surge de uma força externa – algo ou alguém cala o *outro* – emerge uma condição definitiva, já que emudecer é decisão tomada em foro íntimo.

Destaca-se que o próprio protagonista, em muitos momentos, parece assumir, inconscientemente, a responsabilidade de não conseguir se comunicar com os demais. Não é capaz de perceber claramente a violência simbólica de que é vítima, a partir do instante que lhe é negada a possibilidade de, por meio da fala, criar-se e criar um mundo em que ele não fosse obrigado a se curvar, negando sua própria biografia, sua própria identidade.

E se são palavras que não consegue pronunciar que o remetem ao passado, são palavras que mal consegue entender que o trazem de volta ao presente: “Gritos amontoados deram-lhe a notícia da saída” (OP, p. 16). As memórias narradas a si mesmo, vivenciadas novamente, deixam claro ao protagonista que não há fuga possível diante do irremediável. Aquele que superou o campo de concentração e os horrores da guerra sucumbe à hipocrisia e à solidão imposta pelos *outros*. São estas as últimas palavras do narrador: “Novamente os punhos cerrando e trançando, as têmporas apoiadas nos braços, e a figura negra, em forma de gancho, trepidando em lágrimas” (OP, p. 17).

Destaca-se ainda que a impossibilidade de se comunicar do protagonista é revelada não só no enredo do conto, mas também na forma como a própria narrativa é estruturada. É evidente que

não há propriamente diálogos no texto. Há apenas três falas do protagonista e, em nenhuma delas, estabelece-se comunicação. Todas elas são murmuradas, falas para si mesmo e não para o *outro*.

Da mesma forma, na linguagem utilizada na construção do texto, percebe-se o uso recorrente das imagens do mar e da noite que se revezam, acentuando com sua imensidão a solidão do protagonista. A “experiência amarga” que viveu se repete no “gosto amargo, decepcionante” (OP, p. 15) que sente ao tentar “resistir a um meio que não é mais o seu” (OP, p. 15). E a profusão de sons, gritos, risos “estúpidos” ou “canalhas” (OP, p. 13-14) acentuam ainda mais seu silêncio.

Por fim, é importante notar que, embora o conto esteja baseado em uma vivência trágica do protagonista – a vida de um judeu prisioneiro em um campo de concentração – é possível perceber, a partir da nossa análise, que o drama por que ele passa não se refere diretamente a esse fato, mas a sua condição de *diferente*, sendo, portanto, o drama de todo aquele que carrega um estigma. Ser estrangeiro, ser idoso, ser negro, ser mulher, ou seja, pertencer a um grupo de alguma forma estigmatizado, *desacreditado*, normalmente já se constitui motivo suficiente para que se sofra a marginalização e que lhe seja negada a possibilidade de comunicação.

Referências Bibliográficas

AMATUZZI, Mauro Martins. *Resgate da fala autêntica: filosofia da psicoterapia e da educação*. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 1989.

BARRETO, Maria Leticia. *Admirável mundo velho – velhice, fantasia e realidade social*. São Paulo: Ática, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

GOFFMAN, Erving. *Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. de Maria Célia Santos Raposo. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

RAWET, Samuel. O profeta. In: _____. *Contos do imigrante*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956. p. 9-17.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Recebido em 23 de março de 2009

Aprovado em 24 abril de 2009